

## Basta um fósforo

À volta daquela lâmpada moravam os mosquitos de sempre. Eles olhavam, hipnotizados, para a luz que surgia quando o Sr. Condesso ligava o interruptor, já há muito partido. Mas não tão partido quanto estava o seu coração. Enquanto filosofava sobre esta magnética atração dos mosquitos pela sua lâmpada de quarto, pensava na sorte que tinha em viver sozinho. Era livre para decidir a que horas podia chorar. E eram 22h34 quando decidiu. Mas não ficou por ali. Nunca se chora tudo, não é? Vai-se chorando. Maldizia os seus vazios, medos, incertezas e uma espécie de pré-morte em lista de espera. Vai-se morrendo. O Sr. Condesso tinha 58 anos, mas dizia que já tinha as noites contadas. Tinha de andar sempre a correr. Vai-se andando. Corria de casa para o trabalho (numa empresa que comercializava lâmpadas LED), do trabalho para o voluntariado na Casa dos Pobres, da Casa dos Pobres para os ensaios do coro e corria para casa, novamente, para abrir a porta à D. Esmerinda, que vinha trazer-lhe fruta da época. Por fim, corria para dentro do seu quarto, da sua cama, para correr para dentro de um livro e depois de um sonho qualquer. De que é que fugia? Vai-se fugindo.

Na Casa dos Pobres, onde tantos pagam o aluguer de uma cadeira, não há tempo para parar, que há muitos banhos para dar e bocas para alimentar. O Sr. Condesso parava. E era o único momento do dia em que não corria. Ele já tinha ouvido as mesmas histórias, tantas vezes quanto as suas visitas. E eram muitas. Nunca percebeu porque é que só desculpávamos as crianças por quererem ver o Rei Leão mais de 100 vezes. O Sr. Condesso também era pintor. Quando chegava àquela Casa, pintava cenários a verde e a amarelo. Esbatia a solidão, trazia luz e ondulava vidas. Mas, quando saía de lá, tinha a sensação de que o vento assobiava na porta e com ele levava a tela. Enquanto corria para a casa onde dormia, pensava se as suas visitas valeriam, realmente, a pena. No fim de contas, a água continua a correr na mesma direção do rio. E corria com leveza, em contraste com a profundidade do seu ser.

Já em casa reparava na fruteira e na rapidez com que as coisas apodreciam dentro da sua cozinha. Em conversa consigo mesmo, perguntava se valia a pena continuar a aceitar a fruta da D. Esmerinda, se a maioria iria apodrecer antes de ser comida. Fugiu da pergunta e todos os dias lhe abria a porta pela mesma hora.

Enquanto olhava para a pauta, as notas pareciam dançar e, por isso, desviou a sua atenção e os seus olhos caíram nos caracóis brancos da D. Maria, nos óculos da Sofia, no beicinho da Joana enquanto cantava a nota “dó” e na forma como a voz do Joaquim abraçava toda a gente. Aquele coro era composto por cerca de 40 vozes e o que o Sr. Condesso mais gostava era de ouvi-las todas juntas, embrulhadas, confundidas, harmoniosamente desencontradas. Enquanto fitava o maestro perguntava: – “Uma voz faz a diferença num coro com 40 pessoas? Se eu faltar, o coro não acaba. São tantas as vozes...”.

“Bom dia” – disse o Sr. Condesso com um sorriso alargado. Era sempre assim. Distribuía sorrisos pela receção, pelos colegas de trabalho, até chegar ao seu gabinete. Há dias que acordava como se tivesse 20 anos. Nesses dias acordava mais cedo. Havia muito que fazer. Um mundo inteiro para mudar. Tinha a sensação de rodopiar o seu corpo esguio por todos os cantos da empresa. Sabia que aquele sorriso importava. Era ele que mudava a direção dos projectos a aprovar em reuniões. Mas à hora de almoço, às vezes, duvidava até da existência do sol. Olhou para os campos que se vislumbravam lá fora e pensou: E, se o sorriso tirasse férias por uns dias? Quem sabe até uma licença sem vencimento? A empresa continuaria a exportar e a importar lâmpadas como sempre? Seria possível fazer uma proporção matemática de sorrisos por número de lâmpadas vendidas? Como que a ler-lhe as angústias, o colega Manel desabafou: – “Isto cada vez está pior. Não nos pagam o que devem e devem muito. Acho que, mais dia menos dia, vou-me embora daqui. Também, que diferença fazemos? Ninguém é insubstituível. Vem aí um a seguir e faz o mesmo que nós e por muito menos”.

Era Domingo e, ao fim de semana, já não se podia fugir muito. Havia muito tempo para fazer as coisas. Só o cheiro a alfazema do pátio e a marmelada a chegar ao ponto, no tacho, para roubarem as interrogações do seu pensamento. Mas não o suficiente. Às 21h já anoitecera e decidiu procurar os pirilampos no parque. Saiu de casa como quem caminha sempre com gosto. Mas não naquele dia. A dúvida assolava cada passo em direção ao parque. Encontrou um pirilampo e, enquanto admirava as raízes de um embondeiro, concluiu, em voz alta: “para um homem é também fundamental aquilo que não se é, ou seja, a capacidade de se tornar ou a possibilidade de ser outra coisa. A nossa noção de liberdade aproxima-se desta ideia de se poder ser aquilo que não se é. Amanhã serei outro. Mas só amanhã. Hoje, não”.

E foi assim que acordou naquele dia. Sentiu que tinha o peso de muitos anos. Defraudadas as suas expectativas sobre a vida, o seu olhar fugia de todos os que encontrava no caminho até ao seu gabinete. Mas ele decidiu, finalmente, não fugir mais de si mesmo e das dúvidas que o sufocavam. E suspirava enquanto dizia: – “mais lâmpada, menos lâmpada, tanto faz”. E não sorriu naquele dia. A ausência daquele sorriso provocou um cataclismo de má disposição. Chamaram-se os “bobos da corte” da empresa, compraram-se *donuts* e bolas de Berlim para animar a equipa. Ninguém sabia bem o que faltava, mas faltava tudo.

Não compareceu na Casa dos Pobres à hora combinada. O dia continuou com as rotinas de sempre. Novos voluntários apareceram. Mas poucos eram os que queriam ouvir a mesma história mais de 100 vezes e era isso que faltava. Temos comida, banho, jogamos às cartas. Mas sentia-se a falta. Tudo era feito, mas com menos amor.

Também faltou ao ensaio do coro. Apenas duas pessoas perguntaram: – “onde está o Condesso?” Os coralistas cantaram as músicas de sempre. Todos sabiam as letras e o tom de cor, mas a sala não ficava tão cheia. Faltava uma voz. Mas habituamo-nos às ausências. E continuaram.

A D. Esmerinda bateu, bateu e bateu, outra vez, à porta. E nada. Só um saco de fruta à porta e um par de beijos por dar. Ao terceiro dia, ela decidiu ir entregar a fruta a outra pessoa. O cheiro da casa era diferente e o o sorriso também. Habituou-se como nos habituamos ao frio no Inverno. Com mais roupa.

O Sr. Condesso ficou em casa, o dia todo, a pensar que novos poemas poderia inventar? Ele queria muito fazer um poema naquele dia porque ouviu dizer na *internet* que “o poema muda o sentido do caminho”. Após uma prolongada sesta, aquilo que lera num dos seus empilhados livros de cabeceira, quase que começara a fazer sentido. E assim, após várias mensagens de voice-mail, decidiu dar uma oportunidade às rotinas de sempre, fingir a solidão e aceitar o convite dos seus colegas de empresa para a Passagem de Ano, mesmo que o tempo continuasse a fazer cara feia. Estavam todos no salão de festas quando, subitamente, a luz falhou e, naquela casa, nem uma vela perfumada, nem um isqueiro esquecido num bolso de um fumador, nem uma luz de um candeeiro de rua. Apenas um fósforo restava numa caixa, já velha, em cima da lareira. E ele soube, naquele momento, que bastou um fósforo para iluminar uma sala inteira.